

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

CAMPO E CIDADE; O CAMPONÊS E O URBANO

*SEPARATA DA*  
REVISTA LUSITANA

Nova Série — N.º 10

LISBOA — 1989

## CAMPO E CIDADE; O CAMPONÊS E O URBANO

*Comunicação apresentada à Academia das Ciências  
de Lisboa em 1980*

MANUEL VIEGAS GUERREIRO  
Lisboa

Descobre-se a agricultura, multiplicam-se as técnicas de produção de alimentos, toda a vida da humanidade vai passar por profundas transformações, económicas, sociais, políticas. Os novos meios de produção separam da massa indivisa de funções os artífices, os distribuidores dos excedentes alimentares, os escribas que têm de contabilizar as mercadorias, o estado, que há-de administrar uma mais complexa estrutura socio-económica, os soldados que a têm de defender da cobiça alheia, os magistrados que não-de ocupar-se dos litígios emergentes da pluralidade crescente de relações e interesses, os sacerdotes, que, em corpo organizado, não-de cuidar dos costumes e regular as crenças. A uma relativamente simples divisão social do trabalho, que nas sociedades recolectoras quase se reduzia à alternativa dos sexos, sucede uma multiplicidade de funções que não mais se detém e continua no nosso tempo.

Têm as novas actividades de viver juntas, de se servirem e de se protegerem umas às outras, de se materializarem em espaço e no espaço, e esse é o fenómeno surpreendente das cidades. Nasceu da fecundidade da terra que as alimenta, e sem a qual não poderiam sobreviver; mas sem os recursos da cidade — artefactos, comércio, instituições sociais, religiosas, administrativas — também o campo se não desentre-

nharia em frutos. Não há cidade sem campo, é para este e para o seu seio que ela se abre; duas entidades inter-ligadas, em perfeita complementaridade.

É evidente que um tal esquematismo está longe de explicar a totalidade do fenómeno urbano, mas dá-nos alguma ideia de sua génese primitiva, do papel que desempenha no espaço organizado em que se situa. Em sua pureza funcional dificilmente ou nunca se encontrará, em qualquer tempo e onde quer que seja; quase sempre a caracterizará um certo ruralismo.

Mas que estou eu a dizer, essencialmente fora do meu officio de modesto estudioso de Etnografia? É esta a perspectiva que me orienta, e a breve abertura não quer senão introduzir-nos no objecto da minha análise. Igualmente vos quero precaver contra o tom confessional que por vezes toma o discurso. É assim que sou, um tanto afectivo, romântico, mas talvez isso não fique mal de todo numa sociedade de *confrades* e sublinho *confrades*, que isso mesmo somos, ou deveríamos ser, senão *frades* neste nosso Convento de Jesus.

Mas tornemos ao assunto. Dizíamos da interdependência da cidade e campo. Nenhuma razão válida, por conseguinte, para arrogância urbana e humildade camponesa. Privilégios citadinos como facilidades económicas, trabalho mais leve, luxo no vestir, variedade no comer, luzes da instrução, tempo livre para múltiplas diversões, tudo isso devia mais envergonhar do que ensoberbecer, já que primariamente obtido à custa do braço dos lavradores.

A verdade, contudo, é que todos estes resultados tocam profundamente a alma camponesa, que situa a cidade em plano de eleição, como ideal de vida a que aspira, aceitando tacitamente a falsa inferioridade que lhe é imposta. É o facto é observável desde remotos tempos, desde o nascimento do primeiro burgo, iríamos dizer. A *urbs* dos Romanos opunha-se ao *rus*, como se opõe a civilização à barbarie. O *urbanus* era o cidadão, mas também o que tem bons modos, o polido, o cortês, o civilizado, em contraste com o *rusticus*, o rude, o incivil, o grosseiro, e até de fraco entendimento. A *urbanitas*, qualidade do urbano, contrapunha-se a *rusticitas* aldeã.

É tão antiga como a cidade será a sedução que esta exerce sobre o campo. É conhecido no mundo grego e latino o deslumbramento que a visita a Atenas e a Roma, às *urbes*, pro-

vocava nos camponeses ou cidadãos provincianos. Atenas, a rainha dos mares, a capital do espírito, cuja excelência proclamaram Tucídedes e Platão, Eurípedes e Isócrates. Roma, a senhora do maior império até ela conhecido, tem a celebrá-la, por exemplo, Cícero e Vergílio, o primeiro que a amava com paixão, o segundo que dela diz que se tornou a maravilha do mundo: *Rerum facta est pulcherrima Roma*, e cuja grandeza exalta no canto VIII da Eneida e ambos provincianos, Cícero da cidade de Arpino, Vergílio de Andes, burgo rural à beira dos Alpes. Filho de um lavrador, passou sua infância na terra natal e a ela tornava em busca de sossego.

O pastor Títero de sua *Écloga* I, acostumado como estava a comparar os cãezinhos a suas mães, os anhos às ovelhas, as coisas pequenas às grandes, confessa sua estultícia ao ter imaginado Roma semelhante ao seu burgozinho de província. À vista de Roma todos os seus valores se confundiam, ela que ao lado das outras urbes era como altivo cipreste que se levanta entre vimes flexíveis:

Verum haec tantum alias inter caput extubit urbes,  
Quantum lenta solent inter viburna cupressi.

Esta admiração provinciana pela grande cidade, pela capital, é bem conhecida entre nós. Ainda no primeiro quartel deste século o vir a Lisboa constituía privilégio de poucos, dos mais endinheirados. Ter vindo a Lisboa dava categoria, maioridade.

— Já fui a Lisboa.

— Já foste a Lisboa?

De um aldeão de S. Teotónio, no sul do Alentejo, se conta, a modo de anedota, se o não é, que envergonhado lá na terra pela basófia dos que tinham gozado desse benefício, resolveu um dia fechar-se em casa, por uma semana, e dizer à mulher que apregoasse no povoado que tinha ido a Lisboa. Lá se arranjaría depois, lembrando coisas que já ouvira a outros. Ao cabo disso apareceu na venda do sítio a falar muito da viagem e dos sucessos dela. E não se conteve tanto que não desse largas à imaginação, referindo que no Terreiro do Paço um eléctrico saído dos carris e desarvorado, «de ganguião em ganguião foi de encontro a um ecalitro».

A graça disto não será grande, mas o episódio é significativo.

Da atracção que a cidade sempre exerceu sobre o campo é bom exemplo a velha fábula esópica do *rato do campo e do da cidade*. Quem se não lembra do afogueamento do ratinho incauto em busca da vida fácil e farta da cidade, fugido às agruras e penúria da sua aldeia?

Fiquem os casais colmados,  
Por sempre do sol torrados,  
Fique a faminta da aldeia,

exclama o desprevenido ratinho, na bela versão de SÁ DE MIRANDA.

Mal começara, porém, a fruir da apeteçada abundância, logo se vê só, abandonado do amigo, e perseguido por dispendeiro e cães que quase lhe não deram tempo para que se escapasse. Com profundo arrependimento exclama então:

Minha segura pobreza,  
Se chegarei a ver quando  
A ti torne? E esta riqueza,  
Mal que todo o mundo preza,  
Fuja, se puder, voando.

Mal tomadas esperanças,  
A paga aqui não me tome;  
Traças que não abastanças,  
Assaz vi das vossas danças:  
Deus me torne à minha fome <sup>(1)</sup>.

E quantos camponeses, como o rato do campo, não terão feito o mesmo acto de contrição?

Este protótipo de aldeão, simples, ingénuo, facilmente seduzido pelas miragens urbanas, e mais do que isso, tosco, inculto, imbecil, que a língua e a literatura divulgam, prolonga-se no tempo e chega aos nossos dias.

Tem lugar de relevo na galeria de tipos de GIL VICENTE. Ali o temos, na Farsa de Inês Pereira, o parvo, o labrego do Pero Marques, que quer casar com burguesinha avisada. Foi uma zombaria sem fim, que só caricaturalmente se concebe. Foi o asno que a levou de preferência a cavalo que a derrubasse.

(1) Carta a seu irmão, MEM DE SÁ. *Obras Completas*. Lisboa, Sá da Costa, pp. 75-80.

Outros camponeses sobem à cena em GIL VICENTE, que com suas tolices e boçalidades fazem rir a corte, ainda que em sua voz soem, uma vez por outra, severas censuras a clérigos e cortesãos. De outro jeito, porém, é, excepcionalmente, o lavrador da *Barca do Purgatório*. Não vem para divertir, mas para proclamar, solenemente, o drama da vida arrastada e sem esperança dos trabalhadores da terra:

Nós somos vida das gentes  
E morte de nossas vidas (2).

Não é muito outra a ideia que, em Lisboa, ainda hoje se tem do saloio dos arredores. Se figura em revistas, não há partidas que se lhe não façam, chufas que sobre ele não caíam, parvoíce que se lhe não atribua, ainda que, por vezes, dourada com a designação de esperteza, mas logo apoucada com a de *saloi*a. Depois, é o seu folclore que se desfigura, ao sabor de um amadorismo ignorante. A propósito vem contar que uma aluna minha, saída do berço das Avenidas Novas de Lisboa para trabalho de campo nos Saloios, após breve conversa com uma aldeã, dizia-me desencorajada: «Ó Sr. Professor, esta gente é muito estúpida».

No Algarve, *serrenho* e *montanheiro* são sinónimos de rude, canhestro, risível, pouco assisado. E já o *montanheiro*, por mais perto da cidade, olha com sobrançeria o serrenho, que mal se defende, cantando:

Dizem que a serra que é serra,  
A serra também dá pão,  
Também na serra se criam  
Meninas de estimação.

A este ponto vem referir a anedota (se não facto) que TEIXEIRA GOMES conta, no seu castiço e saboroso estilo, em *Carnaval Literário*, como passada numa botica de província (eu creio ser no Algarve e na terra onde nasceu, Portimão). Falava-se de estranhos remédios e alguém lembrou o óleo de lacrau. Um campónio deu por isso e foi dizendo que nos seus sítios os havia. Um dos presentes acrescentou, com malícia,

---

(2) Leiam-se a este respeito as belas páginas que ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA escreve na sua *História da Cultura em Portugal*, fasc. 23 e 24, pp. 286-295.

que os trouxesse, que o Sr. Crespo os pagaria bem, ao que o boticário fingiu anuir, advertindo que viessem vivos. E agora transcrevo o texto:

«E todos riam à sucapa, o que não escapou ao lapuz, embora não desse sinal de que o notara.

Quando ele saiu houve um coro geral:

— Arre, que é burro!...

Passados poucos dias volta o campónio com um cesto cheio de lacraus.

— Aqui estão eles.

— O quê?

— Os lacraus.

— Os lacraus?

— Sim, senhor, e todos vivos, como Vossa Senhoria recomendou.

— Você é parvo, homem, pois você não viu que tudo aquilo era troça e para chuchar consigo?

— Ah! Era troça... então tome-os lá de graça — e despejou-lhe o cesto de lacraus pelos quatro cantos da casa.

Quando souberam isto os habituais frequentadores daquele centro de má língua, recusaram-se a lá voltar; a freguesia diminuiu consideravelmente; e o sr. Crespo levou meses a caçar lacraus, antes que se visse livre deles».

Só não sabemos se o castigo aproveitou ao Crespo.

Aqui temos, na literatura erudita, uma primeira amostra de um abrir de mão à galhofa tradicional. TEIXEIRA GOMES, muito em contacto com a gente rural do seu concelho, por officio de colaborador de seu pai, dono de terras e comerciante e por buscar no lugar serrano da Senhora do Verde alívio para seu cansaço social, bem conhecia a finura e as manhas do montanheiro algarvio.

O anedotário tradicional está, aliás, cheio deste castigo da presunção urbana. E recua nem sabemos até quando.

Numa fábula de FEDRO (30 a. C. — 44 p. C.) um comediante entusiasma a multidão, com o imitar do grunhir de um porco. Um camponês, que assistia ao espectáculo não se conteve que não dissesse que era capaz de fazer melhor. Soube-se isso e ele teve de o provar. No dia seguinte, nova exibição. A cidade alvoroçada, corre a encher o teatro. Finge primeiro o comediante e foi um desabar de aplausos; segue-se

o camponês e foram protestos sem fim: fora com ele! O aldeão para se tirar de apuros tinha ocultado no manto um autêntico porquinho, que fez grunhir, puxando-lhe pela orelha. Pô-lo então, à vista, deixando corrida de vergonha a multidão ignorante (3).

De *Disciplina Clericalis* de PEDRO AFONSO, judeu aragonês que se converteu ao Cristianismo, em 1106, sai este *exemplo* que ele traduziu do árabe:

Conta-se que dois burgueses e um campónio, que iam a Meca, em peregrinação, lhes faltou comida já perto da cidade santa; só tinham um punhado de farinha para um pão. Os burgueses, em face disso, disseram um ao outro: «Pouco pão temos e o nosso companheiro come muito. Temos de comê-lo nós e ele nada». Decidiram, então, amassar o pão e deitar-se a dormir, enquanto se cozia, e quem tivesse o melhor sonho comeria o pão. Diziam isto por ardil, porque assim pensavam enganar o campónio. Amassaram o pão, meteram-no no forno e deitaram-se a dormir. Ora o rústico que tinha dado conta da astúcia dos outros, tirou o pão do forno meio cozido, comeu-o, enquanto estes dormiam, e deitou-se de novo.

Um dos burgueses acordou e como impressionado com o seu sonho, chamou o companheiro, este perguntou:

— Que se passa contigo?

— Tive um sonho maravilhoso, pareceu-me que dois anjos abriam as portas do Céu e pegando em mim me levavam à presença de Deus.

O amigo disse-lhe então:

— Tiveste um sonho admirável. Eu sonhei que, levado por dois anjos que abriam a terra, entrava no Inferno.

O rústico, entretanto, ouvia tudo isto e fingia que dormia. Mas os burgueses, que tinham sido enganados quando queriam enganar, chamaram pelo camponês para o despertar e este, astutamente, como estremunhado, respondeu:

— Quem é que me chama?

— Somos nós, os teus companheiros.

E o rústico:

— Já voltastes?

---

(3) *Phaedrus para Uso das Escolas*, anotado por AUGUSTO EPIFÂNIO DA SILVA DIAS. Lisboa, 1889, pp. 112-114.

Eles replicaram:

— Como havemos de voltar se não fomos a parte alguma?

O rústico respondeu então:

— Pareceu-me, há pouco, que dois anjos pegavam num de vós, abriam as portas do Céu e o conduziam a Deus; depois, outros dois anjos pegavam no outro e, fendendo a terra, o levavam ao Inferno. Ao ver isto pensei que nenhum voltaria e comi eu o pão <sup>(4)</sup>.

Da sagacidade aldeã e ainda exemplo típico este conto tradicional publicado pelos irmãos GRIMM, no século XIX:

Era uma vez um aldeão astuto e malicioso, de cujas travessuras muito se poderia contar. Mas a melhor história é a que conta como uma vez enganou o diabo e se riu dele.

Um dia, depois de lavrar o seu campo e de volta a casa, viu a arder uma porção de carvão e, ao aproximar-se, viu, assombrado, que em cima das brasas estava sentado um diabozinho negro.

— Estás sentado sobre um tesouro, disse o aldeão.

— Com efeito, sobre um tesouro que contém mais ouro e mais prata que os que tens visto em toda a tua vida, contestou o diabo.

— O tesouro está no meu campo, logo pertence-me, disse o aldeão.

— Será teu, respondeu o diabo, se me deres, durante dois anos, metade do que o teu campo produza. Tenho muito dinheiro, mas gostaria de ter frutos da terra.

O aldeão anuiu:

— Mas para que não haja discussão na partilha, ficará para ti o que está sobre a terra e para mim o que está debaixo.

O diabo aceitou. O astuto aldeão semeou nabos. Quando veio o tempo da colheita o diabo veio para levar a sua parte, mas não encontrou mais do que folhas amarelas e murchas, ao passo que o aldeão, contentíssimo desenterrava os seus nabos.

— Desta vez ganhaste tu, disse o diabo, mas na próxima não valerá isto. Será teu o que cresça sobre a terra e meu o que esteja debaixo.

— Está bem, respondeu o aldeão.

---

(4) *Apud* R. MENÉNDEZ PIDAL — *Antología de Cuentos de la Literatura Universal*. Madrid, Editorial Labor, S. A., 1958, p. 192.

Quando chegou o tempo da sementeira não voltou a semear nabos, mas trigo e, logo que este amadureceu, ceifou-o. O diabo, chegando, não encontrou mais do que restolho. Deitou-se, furioso, de um barranco abaixo.

— Assim se enganam os espertos, disse o aldeão.

Foi e tomou conta do seu tesouro <sup>(5)</sup>.

Em meus tempos de moço e no lugar do Barrocal, da freguesia de Querença, concelho de Loulé, ouvi contar esta facécia:

Um senhor bem posto chegou-se a um lapuz, que estava junto de uma cancela, e ordenou-lhe:

— Ó rapaz, abre-me lá essa cancela.

— Quem é o senhor para me mandar assim?

— Sou um doutor.

— E que vem a ser um doutor?

— É um homem que sabe muito.

— Sabe muito e não sabe abrir uma cancela?

E o contarelo fechava-se com o salutar riso dos ouvintes, de certo sabor a desforra.

A predicação literária não chegou, contudo, para modificar o comum juízo que se faz do camponês: rude, grosseiro, ignorante. Ignorante e inculto, por iletrado, como se o saber viesse só dos livros e o não desse a experiência, havendo até quem admita nele uma certa incapacidade intelectual e insensibilidade congénitas: um racismo que penetra no próprio todo nacional. Daí que nem se aceite superior criação artística no homem tido por inculto. Se uma produção literária, por exemplo, é de qualidade, anda na boca do povo serrano, há-de ter uma origem *culta*. Vã opinião que cuido resultar da distância que separa os eruditos, que filosofam, do povo que desconhecem. Só nascendo nele, sem lhe voltar as costas, ou com ele lidando, dia a dia, se podem corrigir as falsas ideias que um mal encaminhado elitismo tem gerado.

O campónio insensível, grotesco, que não sabe que coisa sejam as boas maneiras! Como eu estou a reviver, com os olhos postos em populações sertanejas de Portugal e de África seus modos finos e delicados, a subtileza de seu espírito, que tanto se afirma na agudeza dos ditos, como na expressão artística de suas criações.

---

(5) MENÉNDEZ PIDAL, *Op. cit.*, p. 581.

E chamo para aqui a muito honrosa companhia de dois dos melhores geógrafos do mundo e que da Península se têm ocupado: ORLANDO RIBEIRO e HERMANN LAUTENSACH. Escreve ORLANDO RIBEIRO:

«Em quarenta anos de geógrafo convivi com camponeses, pastores, moleiros, homens de ofício, almocreves... que sei eu! Não fui só eu, mas LAUTENSACH, geógrafo alemão de formação, de origem protestante, que notou entre eles a finura humana, a capacidade de generalizar as suas ideias e de lhes dar forma clara e concisa».

E transcrevo as próprias palavras de LAUTENSACH:

«Mesmo quando... [o] analfabetismo pesa nas possibilidades de desenvolvimento económico, constituiria um grave erro tomá-lo como pedra de toque do estado cultural do país.

A cada passo tenho verificado, com surpresa, quão inteligentes são estas gentes, que agudo espírito observador possuem, como estão enraizados no seu meio ambiente, como sabem, agilmente, dar expressão a suas ideias e que personalidades mais altas moralmente representam» (6).

Juízo são e sem sequelas do anterior preconceito que a expressão *com surpresa* deixa ver.

E com que respeito, profunda fé e compreensão se não aplicam alguns aldeões ao cumprimento de sua ética cristã, das verdades evangélicas que são o norte de sua vida espiritual. E sem escola que não seja a do púlpito e a da vida, que não a imediata das letras. A este ponto vem ainda outra história edificante, esta, dos *Fabliaux*, do século XII ou XIII.

«Um vilão morreu e aconteceu-lhe o que, seguramente, a ninguém teria acontecido e nem voltaria a acontecer depois: nem no Céu nem no Inferno se teve notícia da sua morte. Não vos posso dizer como isso pôde ocorrer, o que somente sei é que, por um acaso estranho, nem os anjos nem o diabo ali estavam, no momento em que entregou a alma, para a recolherem. E assim o pobre homem, só e vacilante, abalou sem guia, e como não havia quem o impedisse lá foi a caminho do Céu. Como não conhecia o caminho, tinha medo de perder-se, mas, por sorte, viu ao longe o Arcanjo S. Miguel, que

---

(6) HERMANN LAUTENSACH — *Geografía de España y Portugal*. Barcelona, Editorial Vicens-Vives, 1967, p. 206.

levava um eleito e seguiu-o a distância, calado, e tão depressa andou que chegou às portas do Céu quase ao mesmo tempo que o arcanjo.

S. Pedro, ao ouvir que chamavam, abriu a S. Miguel e ao eleito, mas quando viu o vilão à sua espera, exclamou:

— Rua, rua, não se entra aqui sem acompanhante e não queremos vá vilãos.

— Como vilão! — respondeu o nosso homem —. Vilão, vós, e bem o sois, já que depois de ter negado por três vezes a Nosso Senhor, vos julgais com direito a deitar fora de um sítio, onde não deveríeis estar, pessoas que pode ser que tenham direito a estar aqui. Má conduta para um apóstolo! E honrou-se Deus confiando a guarda do paraíso a quem se porta assim!

S. Pedro, que não estava acostumado a ouvir sermões destes, ficou tão embaraçado, que se meteu para dentro sem nada responder. Encontrou S. Tomé e contou-lhe singelamente a vergonha que acabava de passar.

— Deixa isso comigo, disse S. Tomé. Vou ver esse mendigo e despachá-lo-ei.

Foi às portas e falou com dureza ao desditoso vilão, perguntando-lhe como ousava apresentar-se no lugar dos eleitos, onde só entravam mártires e confessores.

— Ora essa, exclamou o vilão, dizeis mesmo isso? E então que fazeis vós aí dentro? Não tivestes fé, não acreditastes na ressurreição de Nosso Senhor, que, no entanto, se vos havia anunciado por pessoas dignas de crédito. E tivestes de tocar as chagas do ressuscitado para testemunho seguro. Se os descrentes, como vós, entram aqui, não sei por que razão não entrarei eu que nunca perdi a fé de um bom crente.

Tomé baixou a cabeça, envergonhado, e voltou para junto de S. Pedro, sem nada retorquir.

S. Paulo ouviu as lamentações dos dois apóstolos, chegou-se a eles e quando soube da causa de suas queixas, disse-lhes:

— Isso não se faz assim. Deixai o caso comigo e vereis como em menos de nada deito fora a esse vilão.

Foi à porta e avançando com um ar decidido e violento, agarrou-o pelo braço e qui-lo correr, de mau modo. O vilão resistiu e disse ao santo:

— Não me admiro desses modos, meu perseguidor de cristãos; tendes sempre feito gala da vossa tirania. Para con-

verter-vos, foi necessário que Deus mostrasse tudo o que sabe fazer em matéria de milagres, e ainda assim fostes sempre um revoltado que até com S. Pedro, vosso superior, tivestes disputas. Entrai, entrai, que ainda que eu não seja S. Sebastião nem nenhum daqueles bons cristãos a quem fizestes torturar, bem vos conheço.

Apesar das garantias que tinha dado, S. Paulo aguentou-se tanto como os outros dois santos, e todos juntos, resolveram ir queixar-se a Deus.

S. Pedro, como chefe dos apóstolos, tomou a palavra, pediu justiça e terminou dizendo que a insolência do vilão o tinha envergonhado tanto que se não atrevia a retomar o seu posto, enquanto o insolente se encontrasse ali.

Então o Senhor disse:

— Irei eu mesmo falar com esse homem.

Foi e perguntou ao vilão, que continuava a esperar, a razão por que tinha vindo sem anjo que o conduzisse e como se atrevia a estar ali, depois de ter insultado os apóstolos.

— Senhor, retorquiu o vilão, devota e respeitosamente, os vossos apóstolos quiseram expulsar-me e eu julgo que tenho tanto direito a entrar no Céu como eles, pois vos não reneguei, nem de vossa ressurreição duvidei, nem lapidei ninguém. Sei que ninguém aqui é recebido sem julgamento e eu quero submeter-me ao vosso. Fizestes que eu nascesse na miséria, tenho sofrido meus tormentos sem queixumes e tenho trabalhado toda a minha vida. Ensinaram-me a acreditar no vosso Evangelho e acreditei; cumpri tudo o que me foi mandado, dei esmola aos pobres que a mim vinham e com eles reparti o pão ganho com o suor do rosto. Confessei-me e comunguei, como mandava o cura, e disse-me este que, quem assim vivia, ganharia o Céu. E, por fim, haveis-me feito entrar para interrogar-me e aqui hei-de ficar, pois haveis dito no Evangelho: «Se entrou, deixai-o», e não podeis faltar à vossa palavra.

— Ganhaste o Céu com a tua oração; fica-te aqui, tu que tão bem falaste. É este o benefício de ter tido uma boa escola» (7).

Grave e perigoso erro é, sem dúvida, esperar das letras mais do que elas podem dar. Nele caíram, generosamente, os

(7) MENÉNDEZ PIDAL — *Op. cit.*, pp. 247-248.

filósofos setecentistas que das luzes esperaram tudo e até a salvação do mundo.

Aqui vos deixo como tema de reflexão estes dois passos, um do Génesis, palavra da serpente a Eva:

«Não, não morrereis; é que Deus sabe que no dia que dele comais [do fruto proibido] se vos abrirão os olhos e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal».

E estoutro da *Imitação de Cristo*:

«Eu sou o que ensino a Ciência ao homem e dou aos pequenos mais clara inteligência do que os homens podem dar (8).

Eu sou o que levanto num instante o entendimento do humilde, para que entenda mais razões da verdade eterna do que se houvera estudado dez anos nas escolas» (9).

Com tudo isto não quero, já se vê, diminuir o préstimo das letras; o que pretendo, sim, é pôr em evidência os erros de sua excessiva valorização.

O tema é muito amplo, abarca toda a história da cultura ou civilização. Na perspectiva em que me situo ficam por tratar dois outros importantes aspectos: o da cidade corrupta e corruptora, doutrina de cínicos, estoicos, humanistas e românticos de todos os tempos, e o da cidade actual, estudada sadia e objectivamente, com remédios para os males que realmente a afligem.

Por ora, fico por aqui e acabo como SÁ DE MIRANDA acabou a sua carta a D. João III:

Assi que seja aqui a fim,  
Tornem as práticas vivas;  
Perdestes mea hora em mim  
Das que chamam sucessivas  
Estes que sabem latim.

---

(8) P. 240.

(9) P. 241.